

QUINTA-FEIRA • 21 DE MAIO DE 2015

Diário do Minho

Este suplemento faz parte da edição n.º 30680
de 21 de Maio de 2015, do jornal Diário do Minho,
não podendo ser vendido separadamente.

IGREJA^{VIV}

REPORTAGEM

EDUCAR PARA A AUTONOMIA COM AFECTIVIDADE

— P. 4-5 —



DIVÓRCIO — UMA OUTRA PERSPECTIVA DA FAMÍLIA

CARLA RODRIGUES

ADVOGADA

Abro a porta do elevador no 2º piso do Tribunal de Família e de Menores de Braga - agora denominado de Comarca de Braga, Instância Central, Família e Menores. Deparo-me com uma sala repleta de rostos. Rostos com histórias, mas que hoje só conseguem espelhar histórias sofridas. Mães, pais e filhos. Muitos filhos. Os olhos dos protagonistas desta manhã - adultos, jovens e crianças - vão percorrendo a sala, talvez em busca de reconhecer noutro olhar a mesma mágoa. Aqui e acolá, entre olhares impacientes para o relógio, vão-se ouvindo queixumes: é o pai do João que não paga a pensão de alimentos, é a mãe da Luísa que impede e dificulta as visitas, é o pai do Afonso que não quer saber do filho, é a mãe da Maria que chama a polícia quando o ex-marido se atrasa a “entregar” a filha. São os filhos que vivem no meio deste terror emocional sem perceberem porque é que depois

dos pais se separarem não podem continuar a amar os dois. Porque é que têm de escolher. Porque é que têm de ser ouvintes de insultos e acusações mútuas e constantes. E esta inquietação sobressai: Porquê? Porque é que pais e mães, que dariam a vida pelos filhos, não percebem que estão a mutilá-los de forma irreparável

incondicionalmente. Têm direito a expressar livremente o seu amor por ambos, sem receio de represálias, sem manipulações de um dos progenitores apenas para fazer mal ao outro. São vários os diplomas legais que regulam matérias como família, união de facto, divórcio e responsabilidades parentais. Desde logo, e focando

das responsabilidades parentais. De salientar ainda a *Convenção Europeia dos Direitos do Homem* e a *Convenção dos Direitos da Criança*, diplomas fundamentais para uma mais completa percepção da importância destas matérias no panorama internacional. Mas, se os diplomas legais protegem e sancionam comportamentos, é ao pai e à mãe que cabe, em primeira mão, proteger o bem-estar e o interesse dos filhos, afectados de forma devastadora quando são envolvidos nos conflitos dos pais.

No decurso do processo de divórcio e de separação, a forma que cada um equaciona a crise, tem uma importância crucial, pois se por um lado têm de fazer o luto do fim da conjugalidade e da família que tinham em comum, por outro lado têm de criar novas bases para reorganizar a parentalidade, definir as responsabilidades parentais e a interacção entre as famílias.

Muito se escreve sobre a família. E, quando pensamos em família, de imediato nos aflora a imagem da família convencional: pai, mãe e filhos. Juntos na mesma casa. Juntos na hora do jantar. Juntos na hora de conversar e resolver os problemas. Mas nem sempre é assim. E isso não conduz a novos conceitos de família. Com diferentes realidades e diferentes histórias, a família, na sua imensidão de valores, tem de permanecer para além da vivência do casamento ou da união de facto e ser oferecida como herança aos descendentes.



no direito a um crescimento emocionalmente saudável? Os filhos têm direito a acreditar que o pai e a mãe são boas pessoas. Têm direito a não serem confrontados com referências negativas em relação a qualquer um deles. Têm direito a acreditar que os pais os amam

apenas alguns, a Constituição da República Portuguesa consagra o direito de constituir família, prevendo que os cônjuges têm iguais direitos e deveres quanto à manutenção e educação dos filhos. O *Código Civil*, por seu turno, tem toda uma subsecção dedicada ao exercício



PAPA FRANCISCO
@pontifex_pt

16 Maio 2015

É melhor uma Igreja ferida mas pela estrada, que uma Igreja doente porque fechada em si mesma.

19 Maio 2015

Deus sempre espera por nós, sempre nos entende, sempre nos perdoa.

D. JORGE ORTIGA
@djorgeortiga

11 Maio 2015

Em Deus encontramos a força necessária para não sucumbirmos às adversidades.



MISERICÓRDIA DO PORTO INAUGURA IMPrensa EM BRAILLE

A Santa Casa da Misericórdia do Porto (SCMP) inaugurou, no Centro Professor Albuquerque e Castro, novas instalações para a imprensa em braille. O objectivo deste empreendimento é o de cimentar uma maior inclusão social através da “produção de livros, revistas, jornais e outros materiais editados em braille, de forma a tornar acessível a informação e cultura às pessoas cegas”.

A Imprensa Braille existe na Misericórdia do Porto desde 1956 e foi fundada pelo professor Albuquerque e Castro.



LUTA CONTRA A FOME EM DESTAQUE NA EXPO 2015

A Cáritas Internacional organizou, em Milão, o *Caritas Day*, “uma noite de música, teatro, reflexão e oração” para recolher fundos para as vítimas do Nepal e apresentar “uma pesquisa realizada entre as várias Cáritas, sobre as causas da fome no mundo”. Estiveram presentes no encontro o cardeal Luis Antonio Tagle, o cardeal Oscar Maradiaga e ainda Angelo Scola. Este evento foi realizado tendo em vista a presença da Cáritas na Expo Milão 2015 com a campanha “Uma família humana. Pão e justiça para todas as pessoas”.



PAPA PEDE CORAGEM PARA COMBATER A CORRUPÇÃO

O Papa Francisco pediu, na 68ª Assembleia Geral da Conferência Episcopal Italiana, que os bispos não sejam “tímidos” na batalha contra a corrupção pública e privada que prejudica, sobretudo, os que vivem na miséria. Durante o seu discurso, o Santo Padre salientou ainda que a “missão dos bispos é ir contra a corrente, para transmitir alegria e esperança aos outros” e que a sensibilidade eclesial se manifesta “nas escolhas pastorais e na elaboração de documentos” que incidam na vida real das pessoas.

“O TAMBOR” REVISITADO



MIGUEL MIRANDA

PADRE

Agora que está ainda fresca a memória da partida desse vulto das letras germânicas que foi Gunter Grass, desaparecido a 13 de Abril último, e, por outro lado, se celebram os 70 anos sobre o termo do Holocausto, talvez não seja pior ideia ir ao baú resgatar esse grande filme de Volker Schlöndorff, adaptação, precisamente, daquela que é talvez a mais emblemática obra de Grass. “O tambor” (a novela é de 1959, o filme 20 anos posterior) é já a todos os títulos um clássico do cinema europeu. Parábola do absurdo da guerra, é também o mais celebrado filme do realizador, que tem em fase de pré-produção um projecto curiosíssimo intitulado “O céu ou a terra: o anfitrião do Papa”.

Schlöndorff, nome de proa do chamado “novo cinema alemão” (com Herzog, Fassbinder e Wenders) descobriu um rapaz impressionante para dar vida a Oskar, o pequeno protagonista de “O tambor”, gaiato que aos 3 anos de idade, desiludido com o mundo dos adultos, e tendo acabado de receber o instrumento de que não voltará a separar-se (qual

extensão do próprio corpo, canal de comunicação), decide que não crescerá nem mais um centímetro, optando por permanecer criança para sempre após uma queda nas escadas da adega. David Bennent, antológico na sua performance, teve efectivamente neste filme o ponto alto de uma carreira basicamente construída à laia de títulos menores – há muitos exemplos assim também no cinema dito mais comercial: bastaria lembrar os casos de Macaulay Culkin, Edward Furlong ou Dakota Fanning; parece que, uma vez crescidos, deixam de despertar interesse. Um verdadeiro “case study”.

“Era uma vez um povo crédulo que acreditou no Pai Natal, mas afinal o Pai Natal era o homem do gás”... A narração em “off” (a par da irregular apresentação de imagens de arquivo o aspecto mais desequilibrado de “O tambor”, atendida a sua inconstância) é do próprio Oskar. Mas que povo? – poderíamos perguntar. Danzig, enclave báltico, foi mais tarde rebaptizada como Gdansk; mas, durante o arco histórico a que alude o filme, entre o final do século XIX e o fim da II Guerra Mundial, era palco de um aceso conflito entre alemães e polacos. Em “O Tambor”, tal conflito reflecte-se também no triângulo amoroso desenhado por Agnes (a mãe de Oskar) e os dois homens que sufocam a sua vida, o polaco Jan e o alemão Matzerath – que acabará por se converter de Hitler a Betthoven. Talvez por isso o único esconderijo onde os personagens encontram calor e segurança, enquanto “o rouxinol canta suavemente a sua cançãozinha na noite”, seja sob as 4 saias da matriarca Anna; a mesma que já no fim desabafa: “Não somos suficientemente polacos nem alemães”.

Com Charles Aznavour a interpretar o papel do comerciante judeu enjeitado por todos, “O Tambor” tem um toque de burlesco que tanto remete para Buster



Keaton como para o Todd Browning de “Freaks” ou o próprio Fellini (veja-se a sequência do circo, o trompetista que “muda o acto” e a personagem de Bebra – “não seremos tão jovens quando nos encontrarmos de novo” -, ou, mais não fosse, o bizarro vocalizo agudo de Oskar, defesa que quebra tudo o que à sua volta seja de vidro). Até os alimentos – ou o que é suposto sê-lo – servem essa intenção. E em “O tambor”, seja em banquete ou na cozinha, no mercado ou em piquenique, comida é o que não falta, meu Deus! – alguma de dar a volta à tripa, como as conservas de arenque que provocam a morte de Agnes por overdose...

Somatório de improbabilidades, “O tambor” deixa-nos algumas cenas absolutamente extraordinárias, como a vida intra-uterina de Oskar, a visão/profecia de um “mundo” de pernas para o ar pelo recém-nascido, a assunção ao céu de um grupo de religiosas de Lisieux que estavam na praia a apanhar mexilhão (!) e são abatidas pelas tropas leais a Hitler, obrigando à evacuação do areal (!), ou a sequência do comício, ao ritmo de Strauss. Com frequentes grandes planos de Oskar, personagem que, embora noutra perspectiva, nasce já velho como o Benjamin Button de David Fincher, a adaptação de Schlöndorff podia, é certo, ser contada (filmada) sobretudo do ponto de vista do protagonista, o que raramente acontece.

De resto, o fantasma de Hitler anda por ali, omnipresente nas saudações, nos desfiles, nas conversas, no comício, na perseguição da Gestapo à “criança anormal”... E também a revolta contra Deus, quando Oskar pendura numa imagem do Menino o tambor e as baquetas: “Anda, toca! Não podes ou não queres?”; ou o delírio do “tolo da terra” (quem sabe Tornatore não se inspirou nele para compor o seu “tolo” do “Cinema Paraíso”?) ao assistir à entrada triunfal em Danzig de Hitler – apenas uma mão estendida em saudação: “Eu vi o Senhor”.

Aos 21 anos, Oskar volta a cair, desta vez na sepultura da mãe. Segunda epifania, sugere-lhe que está finalmente na altura de crescer. Será já tarde? Do seio materno à sepultura materna – “O tambor”. Porque às vezes a realidade é mais improvável que a ficção e qualquer semelhança não passa de pura coincidência. Como dizia Calderón de la Barca, a vida é sonho. Haja capacidade de resistência e adaptação, como a de um Oskar que “não pode viver nem morrer”.

Recoleção do Clero



26 MAIO 2015 Seminário Conciliar

PROGRAMA | 9.30 LAUDES | 10.00 CONFERÊNCIA | LECTIO DIVINA | ADORAÇÃO | ALMOÇO



“Não existe a família perfeita, mas não é preciso ter medo da imperfeição, da fragilidade, nem mesmo dos conflitos; preciso é aprender a enfrentá-los de forma construtiva”, escreveu o Papa Francisco na sua Mensagem para o XLIX Dia Mundial das Comunicações Sociais. Desta vez fomos conhecer uma grande família, que embora não seja a tradicional – ou nuclear – não deixa de experimentar e viver todas as alegrias, tristezas, sucessos e batalhas de qualquer outra família. Estamos na Oficina de S. José, uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS), que acolhe crianças e jovens do sexo masculino considerados “de risco” em Braga.

PEGADAS NA AREIA

Estamos numa casa cheia de cor e de vida. Nas paredes há quadros onde predominam os tons quentes e figuras alegres: pássaros, árvores, flores. Em todas as divisões há molduras com jovens sorridentes: a jogar futebol, a festejar a conquista de um campeonato, a receber prémios de mérito. As janelas são muitas e num dia soalheiro, o sol inunda todos os quartos. No ar ecoam gargalhadas,

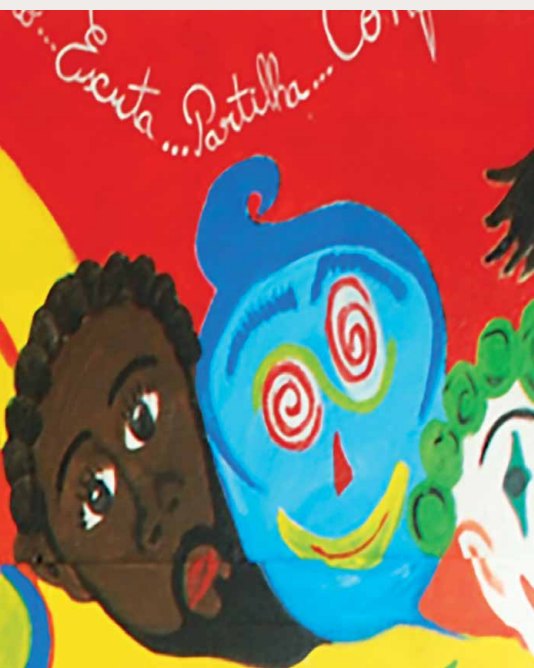
OFICINA DE S. JOSÉ: ESCOLA DE VIDA

risos, cumplicidades, por vezes o choro de quem caiu enquanto jogava futebol. Há livros, muitos livros, palavras e quadros motivadores por toda a casa. As portas estão quase todas abertas e por elas entram e saem crianças e jovens a todo o minuto.

Serafim Gonçalves, Carlos Laranjeira, Edson Luís, Liliana Rodrigues, Mafalda Malheiro e Cecília Oliveira são alguns dos membros da equipa técnico-educativa. Juntaram-se para falar connosco e explicar-nos o funcionamento da casa.

Sentamo-nos à volta de uma mesa. Não é muito difícil “quebrar o gelo”, diante de nós temos uma equipa unida e sorridente. A estabilidade é, aliás, um dos traços apontados para o bom funcionamento da instituição. A principal missão da Oficina de S. José resume-se facilmente: fazer as crianças e jovens felizes. Com esse objectivo cumprido, outros surgem naturalmente: futuros cidadãos plenos, com consciência dos seus direitos e deveres, cívica e moralmente responsáveis.





Como em qualquer casa, o caminho a percorrer é feito de altos e baixos: uns dias com mais abraços, outros com reprimendas, muitos com sucessos. Há três pedras basilares que ajudam a trilhar o caminho: exigência, rigor e disciplina. Exigem de cada um dos jovens “o máximo que eles puderem dar”, diz-nos Serafim Gonçalves, director técnico. A equipa é rigorosa “porque é através de regras que se aprofundam os bons hábitos”, explica Carlos Laranjeira, coordenador da equipa educativa. A disciplina alia-se às outras duas pedras: só através de uma grande disciplina é que é possível alcançar o sucesso. Tentam ser o mais “justos possível, tendo em atenção a personalidade e especificidade de cada menino”.

Todos os dias são bons dias para conquistar mais um pouco da confiança e afecto das crianças e jovens da Oficina. “E isso só se consegue com a presença, com o estar, com as chatices, com ralar hoje e amanhã dar um abraço. Dar a mão, estar presente, simplesmente estar”, sorri Edson.

É desta forma que cada um dos elementos se torna um apoio diário numa caminhada que só é possível “de forma conjunta”. Carlos e Edson falam-nos das “pegadas na areia” e nós relembramos silenciosamente o poema. Por esta altura, também a vertente religiosa da instituição vem à conversa. “Sendo Igreja, estando numa instituição onde a Igreja tem uma dinâmica activa, podemos pôr em prática o Evangelho na verdadeira acepção da palavra. Procuramos ser uma espécie de boa-nova, de auxílio ao próximo, não como caridade ou misericórdia, mas sim como apoio simples e singelo, e sobretudo verdadeiro”, conclui Carlos.

A AUTONOMIA E O AFFECTO

As rotinas são as mesmas de qualquer jovem. Acordam, prepararam-se para sair de casa, vão à escola. Têm amigos, namoradas, famílias. Estudam, brincam, têm actividades extra-curriculares. Há quem goste de teatro, hip-hop, rãguebi, natação. O mais novo tem seis anos, o mais velho vinte.

As respectivas famílias não tiveram condições para cumprir as suas funções elementares e propiciar às crianças um ambiente familiar dito “normal” pelos mais variados motivos. Ainda assim, nenhum dos elementos da equipa formadora pretende substituir a família dos jovens e crianças da Oficina de S. José. Antes pelo contrário, tentam articular o trabalho com as famílias de cada um, que têm sempre na Oficina “as portas abertas”.



Na instituição há um lema que sobressai: educar para a autonomia com afectividade. O mote está sempre presente e desde cedo, de acordo com a idade de cada um dos destinatários, tentam implementá-lo. Aqui é preocupação de todos cultivar o positivo: felicitar, pedir perdão, mostrar gratidão ou abraçar, são gestos quotidianos da parte dos educadores. Arrumar o próprio espaço, levantar a mesa ou lavar a loiça são pequenas tarefas que cada um dos meninos vai desempenhando rotativamente. Os mais velhos começam a ter outro tipo de responsabilidades: ir às compras, confeccionar refeições, tratar de documentos.

Educar tendo sempre esta independência em meta começou a ser mais fácil com a implementação de um novo projecto em 2012. Chama-se “Autonomia” e visa promover isso mesmo: processos de autonomia. Com ele foi criada também uma nova resposta social: o apartamento de autonomização. Trata-se de um apartamento inserido na comunidade local, destinado a apoiar a transição para a vida adulta de jovens que possuem competências pessoais específicas, através da dinamização de recursos que articulem e potenciam recursos existentes nos espaços territoriais. Neste momento há três jovens a usufruir desta resposta que ao mesmo tempo se torna uma motivação para os outros que para lá desejem ir, já que têm perfeita noção de que só o irão conseguir através do desenvolvimento de determinadas competências.



Os 42 elementos que pertencem à Oficina vivem em comunidade, não existe separação por idades na vida quotidiana. Esta também é uma forma de incentivar a responsabilidade, o sentido de pertença e entreaajuda. Os mais velhos ajudam os mais novos e estes fazem com que os jovens tenham um cuidado maior com as suas atitudes, já que são um modelo de referência para as crianças.

UM POETA, UM FUTEBOLISTA E UM PASTELEIRO

Nuno (*nome fictício*) é alto, magro e tem um tom de voz doce e baixo. Foi-nos apresentado como o “poeta” da casa. “Nervoso?”, perguntamos. “Não! Quer dizer, um bocadinho...”, atira. Foi o suficiente para nos rirmos em conjunto e começarmos a conversar. Com 17 anos, está a acabar o 12º ano e espera para o ano poder ingressar no Ensino Superior. “Em Comunicação Social, se calhar...”, revela. O sorriso já é mais aberto e as palavras fluem naturalmente. Gosta mais de escrever do que de “aparecer”. A poesia surgiu como um escape e para ele apenas. Aos poucos, começou a partilhar. Os educadores têm-no incentivado a mostrar os escritos a mais pessoas. Nuno diz-nos isso e Serafim confirma-o. “Tem mesmo muito jeito”, diz-nos posteriormente.

Tiago (*nome fictício*) é mais calado mas tem um sorriso aberto. Com 16 anos ainda está indeciso quanto ao futuro. O futebol não é uma hipótese a descartar, gosta de jogar e está inserido numa equipa exterior à instituição, onde treina duas vezes por semana. Sobre a Oficina diz que é uma casa onde gosta de estar, onde aprende muito e já fez imensos amigos.

O último jovem que conhecemos é André (*nome fictício*), com 17 anos, que fala abertamente. Terminou há pouco o curso de pastelaria e padaria e já tem emprego garantido. Conta-nos que o seu sonho é juntar-se aos irmãos, a residir em França. Para já continua por Portugal, onde irá brevemente tirar a carta e juntar dinheiro como novo emprego. Termina hoje o acolhimento na Oficina.

Diante de nós podemos ter o próximo Fernando Pessoa, o próximo Cristiano Ronaldo ou o próximo Marco Rinaldini. Têm os mesmos sonhos e o caminho aberto para aquilo que quiserem ser.



VEJA O VÍDEO DA REPORTAGEM EM
www.igrejaviva.diariodominho.pt
www.youtube.com/diocesebraga

DOMINGO DE PENTECOSTES

TEMA

“DAREIS TESTEMUNHO”

ATITUDE DE VIDA

Abertos à vitalidade do Espírito Santo em nós, somos chamados a reconhecer, ao longo desta semana, os dons com os quais Deus nos agracia. Tomando consciência desta graça, com um espírito longânime, generoso, desprendido, escolhamos um grupo da nossa comunidade paroquial, onde possamos colocar ao serviço esses dons.



ILUSTRAÇÃO DA ARQ. MARIA TAVARES

LITURGIA DA PALAVRA

LEITURA I Actos 2, 1-11

Leitura dos Actos dos Apóstolos

Quando chegou o dia de Pentecostes, os Apóstolos estavam todos reunidos no mesmo lugar. Subitamente, fez-se ouvir, vindo do Céu, um rumor semelhante a forte rajada de vento, que encheu toda a casa onde se encontravam. Viram então aparecer uma espécie de línguas de fogo, que se iam dividindo, e poisou uma sobre cada um deles. Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar outras línguas, conforme o Espírito lhes concedia que se exprimissem. Residiam em Jerusalém judeus piedosos, procedentes de todas as nações que há debaixo do céu. Ao ouvir aquele ruído, a multidão reuniu-se e ficou muito admirada, pois cada qual os ouvia falar na sua própria língua. Atónitos e maravilhados, diziam: “Não são todos galileus os que estão a falar? Então, como é que os ouve cada um de nós falar na sua própria língua? Partos, medos, elamitas,

habitantes da Mesopotâmia, da Judeia e da Capadócia, do Ponto e da Ásia, da Frígia e da Panfília, do Egipto e das regiões da Líbia, vizinha de Cirene, colonos de Roma, tanto judeus como prosélitos, cretenses e árabes, ouvimo-los proclamar nas nossas línguas as maravilhas de Deus”.

SALMO RESPONSORIAL Salmo 103 (104)

Refrão: Enviai, Senhor, o vosso Espírito e renovai a face da terra.

LEITURA II 1 Cor 12, 3b-7.12-13

Leitura da Primeira Epístola do apóstolo S. Paulo aos Coríntios

Irmãos: Ninguém pode dizer “Jesus é o Senhor” a não ser pela acção do Espírito Santo. De facto, há diversidade de dons espirituais, mas o Espírito é o mesmo. Há diversidade de ministérios, mas o Senhor é o mesmo. Há diversas operações, mas é o mesmo Deus que opera tudo em todos. Em cada um se manifestam os dons do Espírito para o bem comum. Assim como o corpo é um só e tem

muitos membros e todos os membros, apesar de numerosos, constituem um só corpo, assim também sucede com Cristo. Na verdade, todos nós – judeus e gregos, escravos e homens livres – fomos baptizados num só Espírito, para constituirmos um só Corpo. E a todos nos foi dado a beber um único Espírito.

EVANGELHO Jo 20, 19-23

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São João

Na tarde daquele dia, o primeiro da semana, estando fechadas as portas da casa onde os discípulos se encontravam, com medo dos judeus, veio Jesus, apresentou-Se no meio deles e disse-lhes: “A paz esteja convosco”. Dito isto, mostrou-lhes as mãos e o lado. Os discípulos ficaram cheios de alegria ao verem o Senhor. Jesus disse-lhes de novo: “A paz esteja convosco. Assim como o Pai Me enviou, também Eu vos envio a vós”. Dito isto, soprou sobre eles e disse-lhes: “Recebei o Espírito Santo: àqueles a quem perdoardes os pecados ser-lhes-ão perdoados; e àqueles a quem os retiverdes ser-lhes-ão retidos”.



ITINERÁRIO SIMBÓLICO

FRUTOS DO ESPÍRITO SANTO

Longanimidade

ELEMENTO SIMBÓLICO

Ananás

MATERIAL: O itinerário de vitalidade pascal, que assumimos neste ano, tem procurado evidenciar o ritmo da presença e da acção do Espírito Santo em nós, na medida em que vivermos segundo a sua inspiração, para continuarmos a dar frutos. A presença do Espírito de Jesus Cristo Ressuscitado na vida da comunidade cristã será simbolizado na coroa de rei mais elevada, envolvida por um conjunto de flores de diversas cores, dentro do mesmo cesto. Nesta semana, dentro do outro cesto acrescentar-se-á um ananás, para evidenciar o fruto da longanimidade, que se procurará viver.

SUGESTÃO DE CÂNTICOS

- **ENT:** *O Espírito do Senhor*, M. Simões (IC, p. 339; NRMS 09-II)
- **GLÓRIA:** Az. Oliveira (IC, p. 26; NRMS 50-51)
- **APRES. DONS:** *Recebestes um Espírito*, C. Silva (CPD 452)
- **SANTO:** C. Silva - V (*Orar Cantando*, p. 540)
- **CORDEIRO:** F. Silva (IC, p. 59; NRMS 38)
- **COM:** *Enviai, Senhor, o Vosso Espírito*, C. Silva (*Orar Cantando*, p. 90)
- **FINAL:** *O amor de Deus repousa em mim*, M. Luís (NCT 388)

REFLEXÃO

Não celebramos um desconhecido! É uma força, uma luz, um fogo, uma rajada de vento! De facto, é precisamente através do seu dinamismo, da sua acção, que o podemos reconhecer: transforma os Apóstolos em testemunhas e os ouvintes em admiradores maravilhados (primeira leitura); é o sopro criador (salmo); faz-nos produzir os frutos da vida divina recebida no baptismo (segunda leitura); é a luz do Ressuscitado que nos conduz na verdade (evangelho). É o Espírito Santo!

“Começaram a falar outras línguas”

Na Ascensão, Jesus Cristo promete a vinda do Espírito Santo. Agora, cumpre-se a promessa de uma forma que supera todas as expectativas: imprevista e surpreendente. A narração do livro dos Actos dos Apóstolos explica-a desta forma: “um rumor semelhante a forte rajada de vento, [...] uma espécie de línguas de fogo [...], começaram a falar outras línguas”.

Do ponto de vista da fenomenologia, Pentecostes é uma festa judaica e cristã. Em ambos os casos, está associada a “cinquenta dias” (o significado de “Pentecostes” em grego): para os judeus, é a “festa das colheitas”, no início do Verão; para os cristãos, assinala o dom do Espírito Santo, o culminar da presença de Jesus Cristo, depois das aparições pascais. Do ponto de vista da Igreja nascente, Pentecostes é o início da missão em toda a costa mediterrânea. Os judeus que tinham ido a Jerusalém, por causa de uma das três festas de peregrinação (Páscoa, Pentecostes e Tendias), voltam aos seus lugares de origem; muitos deles comunicam as novidades trazidas de Jerusalém: a Páscoa e o dom do Espírito Santo.

Do ponto de vista da Bíblia, tomada como uma só Aliança, a única que Deus faz com o ser humano, Pentecostes supõe a oposição a Babel. Em Babel, o pecado provoca a dispersão dos povos (diversidade de línguas); no Pentecostes, o Espírito promove a união (apesar de serem de povos distintos, todos se entendem). Babel é desunião; Pentecostes é comunhão. Babel é falar a língua da oposição; Pentecostes é falar a língua do amor. Babel é a oposição que produz rutura; Pentecostes é a unidade na diversidade. A Igreja só pode buscar um novo Pentecostes; nunca uma nova Babel.

Ninguém é excluído do dom do Espírito Santo: primeiro, “todos [os Apóstolos] ficaram cheios do Espírito Santo”; depois, “cada qual os ouvia falar na sua própria língua” (eram pessoas provenientes da diáspora greco-romana). O que acontece durante o Pentecostes não é uma experiência mística interior, mas uma manifestação do poder de Deus que toca a vida de cada pessoa: evangelizadores e evangelizados.

Pentecostes é o final de uma etapa e início de outra. Jesus Cristo oferece o Espírito Santo; a Igreja acolhe-o e celebra-o. Assim, começa um novo caminho de evangelização e de presença no meio das pessoas, movidos não pelo espírito da concorrência e da oposição, mas sob o espírito do diálogo e da escuta do Espírito Santo. “Invoquemo-Lo hoje, bem apoiados na oração, sem a qual toda a acção corre o risco de ficar vã e o anúncio, no fim de contas, carece de alma” (EG 259).

Reflexão preparada por Laboratório da Fé | in www.laboratoriodafe.net

ADMONIÇÃO INICIAL

No dia de Pentecostes, os discípulos encontravam-se todos reunidos no Cenáculo. Também nós hoje, no primeiro dia da semana, nos sentimos convocados pelo Espírito Santo para fazer a experiência de comunidade, que celebra a centralidade do mistério pascal de Jesus Cristo na vivência da nossa fé. Reconhecendo a diversidade de dons que o Espírito nos concede, como diferentes membros do mesmo Corpo, reunimo-nos em Jesus Ressuscitado, acolhendo o dom da paz e a graça espiritual para a missão. Sentindo a Sua presença, celebremos com fé e alegria.

ASPERSÃO DA ÁGUA

Como memória do Baptismo, que nos torna Templos do Espírito Santo, abertos ao seu dinamismo vital, fazemos a aspersão da água, usando o formulário II, na opção própria para o Tempo Pascal (*Missal Romano*, pp. 1364-1365).

EUCOLOGIA

Orações e prefácio próprios da Missa do Dia do Domingo de Pentecostes (*Missal Romano*, pp. 389-391)
Oração Eucarística III com as comemorações próprias (*Missal Romano*, pp. 529ss).

ORAÇÃO UNIVERSAL

Caríssimos cristãos: Neste dia em que o Espírito desce sobre a Igreja, abramos o coração à sua vinda, para que Ele nos ensine a viver com Jesus ressuscitado, e digamos:

R. Mandai, Senhor, o vosso Espírito.

1. Pelas Igrejas cristãs do mundo inteiro, que se deixam conduzir pelo Espírito, que é amor ardente, descanso na luta, luz de santidade, oremos.

2. Pelo Papa Francisco, pelos bispos, presbíteros e diáconos, que falam de Jesus Cristo em linguagem compreensível às pessoas de hoje, segundo a inspiração do Espírito Santo, oremos.

3. Por cada pessoa que faz o bem e ama a justiça, que defende e promove a liberdade e a paz, e que mantém uma esperança firme alicerçada no Espírito Santo, oremos.

4. Por aqueles que recebem o mesmo Espírito e, ao reconhecerem e aceitarem a diversidade dos seus dons, vivem unidos numa só fé em Jesus Cristo, oremos.

5. Pelos fiéis que exercem algum ministério em favor da comunidade (paroquial), servindo a todos com os olhos voltados para o Senhor, oremos.

Deus eterno e onipotente, que santificais a Igreja em todo o mundo, ouvi a oração do vosso povo e realizai também em nós as maravilhas da manhã do Pentecostes. Por Cristo Senhor nosso.

ELEMENTO CELEBRATIVO A DESTACAR

Depois da oração pós-comunhão, convém explicar aos fiéis que no Domingo de Pentecostes termina o ciclo da Páscoa, prosseguindo o Ano Litúrgico com a segunda parte do Tempo Comum. Por isso, neste momento, o Círio Pascal é incensado e deslocado para junto da fonte baptismal, o que pode ser feito enquanto se entoa um cântico apropriado. No final deste gesto, o presidente da celebração dá a bênção solene do Espírito Santo (*Missal Romano*, p. 559), se possível cantada.



D. EURICO DIAS NOGUEIRA HOMENAGEADO

Ontem, dia 20 de Maio, assinalou-se o primeiro aniversário de falecimento de D. Eurico Dias Nogueira, anterior Arcebispo de Braga. Em sua homenagem, a Câmara Municipal de Braga decidiu atribuir a uma Avenida junto ao Estádio Municipal o seu nome. Também uma placa evocativa foi descerrada pelo Presidente da Câmara, Ricardo Rio, e pelo Arcebispo Primaz, D. Jorge Ortiga. Pelas 17h30 foi celebrada eucaristia na Sé Catedral. Durante a homilia, o prelado sublinhou as palavras e o legado deixados por D. Eurico

Dias Nogueira à comunidade civil e eclesial. D. Eurico Dias Nogueira nasceu em Pampilhosa da Serra, Dornelas do Zêzere, no dia 6 de Março de 1923 e faleceu em Braga, no dia 19 de Maio de 2014. Foi Arcebispo de Braga entre de 5 de Novembro de 1977 até 18 de Agosto de 1999. A sua ordenação episcopal realizou-se na Sé Nova de Coimbra, no dia 6 de Dezembro de 1964. Foi bispo de Vila Cabral, Moçambique, e de Sá da Bandeira, Angola. Participou no Concílio Vaticano II, enquanto líder da diocese moçambicana de Vila Cabral.



AGENDA

22.05.2015

CORTEJO TRIUNFAL "BRACARA AUGUSTA TRIUNPHALIS"

21h30 / Avenida Central

23.05.2015

VIGÍLIA DE PENTECOSTES

15h00 - 17h30 / Basílica do Sameiro

23.05.2015

ENCONTRO DE COROS DAS MISERICÓRDIAS

21h30 / Teatro Circo

24.05.2015

XVII FESTIVAL DE FOLCLORE RANCHO FOLCLÓRICO DO CATEL

15h00 / Cunha



FM 101.1 Mhz
AM 576Khz.

PROGRAMA SER IGREJA
sexta-feira, das 23h00 às 24h00

O programa Ser Igreja entrevista, esta semana, o Sr. Arcebispo, D. Jorge Ortiga.



Faça um Like



Siga-nos no **Facebook**

FICHA TÉCNICA

Director: Damião A. Gonçalves Pereira
Coordenação: Departamento Arquidiocesano da Comunicação Social (Pe. Tiago Freitas, Pe. Paulo Terroso, Eduardo Madureira, Ana Pinheiro, Joana Araújo, Nuno Adães), Flávia Barbosa
Design: Romão Figueiredo
Fontes: Agência Ecclesia e Diário do Minho
Contacto: comunicacao@diocese-braga.pt

VIGÍLIA DE PENTECOSTES

No próximo Sábado, entre as 15h00 e as 17h30, será celebrada na Cripta do Sameiro a Vigília de Pentecostes.

Todos os movimentos eclesiais, associações de fiéis e obras católicas estão convidados a celebrarem juntos a vigília que será presidida pelo Arcebispo Primaz, D. Jorge Ortiga.

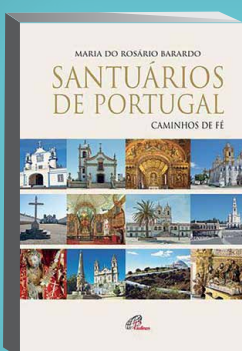
De acordo com o Bispo Auxiliar, D. Francisco Senra Coelho, que



estendeu formalmente o convite aos movimentos, pretende-se que este seja um momento revigorante para todos.

A vigília foi pensada e programada na reunião do dia 24 de Março, nos Serviços Centrais da Arquidiocese, entre D. Francisco Senra, o padre António Sérgio Torres e as direcções diocesanas dos diversos Movimentos Eclesiais, Associações e Obras.

LIVRARIA DO DIÁRIO DO MINHO



MARIA BARARDO

SANTUÁRIOS DE PORTUGAL

"Santuários de Portugal" é o nome do livro escrito por Maria do Rosário Barardo que apresenta os 161 Santuários de Portugal, geograficamente organizados pelas dioceses a que pertencem ao longo de quase 700 páginas. Também os restantes 84 locais de culto com características de santuário aparecem elencados na obra. As tradições religiosas, os testemunhos da história, o património arquitectónico e as obras de arte encontram-se aqui analisados de forma minuciosa. A autora considera os santuários sinais de Deus e um autêntico espelho da comunidade cristã.

PVP
€ 60

15%*
Desconto

* Na entrega deste cupão. Campanha válida de 21 a 28 de Maio de 2015.